



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina
La sociología en tiempos de cambio

DEIXAR MORRER: ADOECIMENTO NO CORTE DE CANA, ESTADO E BIOPOLÍTICA

Tainá Reis

tainareisz@gmail.com

Universidade Federal de São Carlos

Brasil



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

RESUMO

Os cortadores de cana estão submetidos a relações de trabalho superexploratórias. O adoecimento é o destino de grande parte deles após poucos anos de trabalho. Perdem a capacidade laboral e buscam no Estado maneiras de garantir a subsistência. Partindo de resultados parciais da tese de doutorado, este artigo tem por objetivo apresentar a relação dos cortadores de cana adoecidos com as diversas instituições do Estado (Previdência, Assistência e Saúde) sob a ótica da biopolítica de Foucault. A metodologia é qualitativa, com pesquisa em campo empírico, entrevistas de roteiro semiestruturado e observação direta. Os sujeitos da pesquisa foram assistentes sociais, psicólogos, médicos e advogados de órgãos da Previdência Social, Assistência Social e Saúde, e também ex-cortadores de cana e suas famílias. Os relatos mostraram a complexa trama de relações que se estabelece entre cortador de cana adoecido e o Estado. O órgão da Previdência Social exige uma série de requisitos para a viabilizar a seguridade. Entretanto, o tipo de relação de trabalho no corte de cana e a própria estrutura municipal de serviços públicos representam obstáculos no acesso aos direitos previdenciários. A aquisição de qualquer um dos benefícios é tão árduo que alguns adoecidos da cana sequer tentam adquiri-los, ou desistem no meio do processo. É comum que se encaminhe os trabalhadores para a Assistência Social como alternativa de garantia da reprodução familiar. Entende-se que a Previdência e a Assistência Social cumprem funções de controle e disciplina numa sociedade normalizadora e regulamentadora. É no esteio da reflexão de Foucault sobre biopolítica, e contando com a perspectiva do fazer viver para deixar morrer, que se constrói a presente reflexão. Os cortadores de cana adoecidos vivenciam a marginalização e estigmatização dentro das instituições da biopolítica, percorrem caminhos tortuosos para adquirir algum direito social, são empurrados para a Assistência, tendo a identidade de trabalhador subsumida. Há uma lógica de funcionamento do Estado que segmentou a população a ser gerida entre os aptos e não aptos - aptidão para o trabalho. Os que estão fora dessa norma se diferenciam no fazer viver, são deixados para morrer. A morte aqui é entendida não como assassinio direto, mas como marginalização, abandono, é a morte social. Os cortadores de cana que eram feitos viver, isto é, normatizados, regulamentados, disciplinados e controlados para o trabalhar, adoecidos, são deixados morrer.

Palavras chave

Corte de cana, adoecimento, biopolítica



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

ABSTRACT

Cane cutters are submitted to superexploratory working relationships. Illness is the destination of most of them after a few years of work. They lose their ability to work and seek ways in the State to ensure subsistence. Based on partial results of the phd thesis, this article aims to present the relationship of ill sugarcane cutters with the various institutions of the State (Social Security, Assistance and Health) from the perspective of Foucault's biopolitic. The methodology is qualitative, with empirical field research, semistructured script interviews and direct observation. The research subjects were social workers, psychologists, physicians and advocates of Social Security, Social Assistance and Health agencies, as well as former sugarcane cutters and their families. The reports showed the complex network of relationships established between sugarcane cutters and the State. The Social Security demand a series of requirements to make the social security viable. However, the type of employment relationship in the cane cut and the municipal structure of public services themselves represent barriers to access social security rights. The acquisition of any of the benefits is so arduous that some sicken cane cutters do not even try to acquire them, or give up in the middle of the process. It is common for workers to be sent to Social Assistance as an alternative to guarantee family reproduction. It is understood that Social Security and Social Assistance fulfill functions of control and discipline in a normalizing and regulatory society. It is at the prop of Foucault's reflection on biopolitics, and relying on the perspective of making living to let die, that the present reflection is constructed. Sicken cane cutters experience marginalization and stigmatization within the institutions of biopolitics, going through tortuous ways to acquire some social rights, are pushed to the Assistance, having the worker identity subsumed. There is a logic of State functioning that segmented the population to be managed between the fit and unfit - work aptitude. Those who are outside this norm differentiate themselves in making them live, they are left to die. Death here is understood not as direct murder, but as marginalization, abandonment, is social death. The cane cutters who were made to live, that is, regulated, regulated, disciplined and controlled to work, sick, are left to die.

Keywords

Cane cut, illness, biopolitics



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

I. Introdução

A organização do trabalho no corte de cana pode levar os trabalhadores a tamanho desgaste físico e psíquico que, em muitos casos, o adoecimento é o destino final desses sujeitos. Perdem precocemente a capacidade laboral por conta do alto desgaste ao qual estão expostos. Problemas de coluna, osteoarticulares, cardíacos, são resultado de anos nos canaviais. Migrantes, os cortadores de cana saem de suas terras em busca de melhores condições financeiras. Tendo uma mobilidade forçada (GAUDEMAR, 1977), tornam-se migrantes; é preciso deixar o lugar de origem para buscar meios de sobrevivência longe dali. O trabalho nos canaviais é temporário, então os cortadores de cana vão e vem do eito ano após ano¹, no que configura uma migração permanentemente temporária (SILVA, 1999). Foi esse processo que ocorreu em parte do Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais.

Ao chegar aos canaviais em terras distantes de suas origens, os trabalhadores encontram uma realidade laboral árdua. Os alojamentos são precários, e, mesmo quando os cortadores de cana alugam casas na cidade, não podem pagar uma residência confortável – geralmente moram em cortiços. A alimentação é deficiente em nutrientes e o ritmo de trabalho exaustivo. São pagos por produção, o que significa que o limite de seus corpos é o limite da própria subsistência (ALVES, 2006, NAVARRO, 2006). No caso dos cortadores de cana se afirma que o “esforço realizado pelos trabalhadores é decorrente do processo de trabalho combinado com a forma de pagamento” (ALVES, 2008, p. 2).

Entende-se o pagamento por produção como meio de superexploração, uma vez que o salário pago ao trabalhador é menor que o valor de sua força de trabalho, ou seja, não garante efetivamente a reprodução da força de trabalho, submetendo-o a uma reprodução precária (GUANAIS, 2016).

¹ Os cortadores de cana são selecionados no local de origem. Ao fim do período de safra (entre 07 e 09 meses), retornam à cidade natal, de onde partem no ano seguinte para a nova safra, o que passou a ocorrer principalmente depois da assinatura do Compromisso Nacional para Aperfeiçoar as Condições de Trabalho na Cana de Açúcar, em 2009 (SILVA 2013).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Sendo superexplorados, acompanham ao longo de 10/15 anos de trabalho, o desgaste de seus corpos. Expostos ao calor, fuligem, perdem sais minerais no suor, sobrecarregam coração e articulações; são milhares de cortadores de cana que adoecem no decorrer de sua jornada laboral.

No trabalho, o cortador deve abraçar certa quantidade de cana com um braço e com a outra mão golpear a cana com o podão ao rés do chão. Esse movimento exige a total curvatura do corpo. São desferidos vários golpes de facão e depois a cana deve ser lançada nas leiras². Laat (2010) concluiu que, em média, os cortadores de cana desferem 3.498 golpes de facão, realizando 3.080 flexões de coluna, cortando em média 12,9 toneladas por dia. Um esforço que Alves (2007) comparou a de um atleta corredor fundista.

Além de todo este dispêndio de energia, andando, golpeando, contorcendo-se, flexionando-se e carregando peso, o trabalhador sob o sol utiliza uma vestimenta pesada e quente (botina com biqueira de aço, perneiras de couro até o joelho, calças de brim, camisa de manga comprida com mangote de brim, luvas de raspa de couro, lenço no rosto e pescoço e chapéu, ou boné), o que faz com que suem em abundância e percam bastante água. Junto com o suor, perdem sais minerais, e a perda de água e sais minerais leva à desidratação e à frequente ocorrência de câimbras (ALVES, 2006). Scopinho et al (1999) demonstraram o aumento da ocorrência de doenças cardiovasculares, psicossomáticas e do sistema gastrointestinal entre cortadores de cana. O estudo de Laat (2010) aponta que a atividade do corte de cana é penosa

pele tamanho do ciclo extremamente curto, de 5,7 segundos para o corte de três ruas e de 4,36 segundo para o corte de uma rua. Esse ciclo é composto de várias operações com exigência de força, destreza atenção e habilidade. Cabe ressaltar que os ciclos menores que 30 segundos representam riscos de lesões osteoarticulares. (p.11).

Na pesquisa de Verçoza (2016), realizada em Alagoas, vemos as consequências físicas do trabalho no corte de cana. Os cortadores de cana ingerem grande quantidade de água, em média, 8 litros em um dia de trabalho em que cortam 7 toneladas de cana, com um gasto médio de 3.518 ca-

²O *eito*, área do canavial que cada trabalhador deve cortar, é composto por cinco linhas de cana plantada, as *ruas*. O trabalho inicia-se pela linha central, onde conforme o corte se realiza, cria-se uma fileira de cana cortada, a *leira*. As canas das demais ruas devem ser também depositadas na *leira*.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

lorias, caminhando até 10 quilômetros. Os batimentos cardíacos chegam a 200 por minuto. A maior parte dos trabalhadores nessa atividade extrapola a carga cardiovascular limite, ou seja, tem uma grande sobrecarga na frequência cardíaca. Em Alagoas é frequente o relato dos *cangurus*, nome dado às câimbras que tomam o corpo inteiro dos trabalhadores, que faz com que percam o controle dos movimentos, encolhendo os braços, como um canguru.

Após anos de degradação de sua força de trabalho, tornam-se imprecáveis para o corte de cana, não podem carregar peso ou se locomover com facilidade, estão inaptos para o trabalho. Apesar da inviabilidade para o trabalho, consequência de uma dinâmica de trabalho superexploratória, muitos dos adoecidos da cana não conseguem acessar o direito à aposentadoria por invalidez. Frente tal quadro, surgiram as questões: como é possível que alguém, após tanto trabalho - e um tipo específico de trabalho explorado - não tenha acesso ao direito da aposentadoria? Como depois de tanto, o que lhes sobrara era tão pouco? A partir dessas questões realizou-se a pesquisa de doutorado que trata sobre a sociabilidade dos cortadores de cana adoecidos.

Neste artigo, serão apresentados resultados parciais da tese de doutorado, especificamente as considerações sobre as relações que o cortador de cana adoecido passa a estabelecer com diferentes órgãos do Estado, análise feita por meio do conceito de biopolítica de Foucault (2005, 2006). O tema do destino dos cortadores adoecidos é invisibilizado na sociedade, principalmente pela ideologia do etanol que apresenta a produção desse tipo de combustível como solução para os problemas ambientais - como limpo e sustentável -, escondendo a exploração do trabalho e do meio ambiente que representa (SILVA, VERÇOZA e BUENO, 2013). A própria produção acadêmica invisibiliza esse processo, pois tem centrado atenção no trabalho, mas não naqueles excluídos desse processo - especificamente no corte de cana. As pesquisas chegam até o momento do adoecimento, mas não aprofundam o destino dos adoecidos. Assim, o presente artigo busca preencher essa lacuna sobre os processos decorrentes do trabalho nos canaviais, estendendo para fora do espaço/tempo de trabalho as consequências das relações de trabalho na agroindústria sucroalcooleira, especificamente no que tange à ação do Estado. É partir da reflexão de Foucault (2005, 2006) sobre



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

biopolítica, e o papel do Estado em fazer viver e deixar morrer, que se busca compreender as relações dos cortadores de cana adoecidos com o Estado.

II. Marco teórico/marco conceitual

Diversas pesquisas mostram as relações degradantes de trabalho nos canaviais (ALVES, 2006, 2007, ANTUNES, 2013, SILVA, 1999, 2008, 2011, VERÇOZA, 2016, GUANAIS, 2016, RAMALHO, 2014, entre outros), que se materializa, em muitos casos, no adoecimento dos cortadores de cana. Ao adoecer, os trabalhadores deixam de ser recontratados para a safra de cana seguinte. Muitos regressam definitivamente à região de origem, justamente de onde saíram em busca de melhores condições financeiras. Impossibilitados de trabalhar por conta do adoecimento, ex-cortadores de cana adoecidos buscam formas de garantir sua reprodução doméstica. Destaca-se que esse processo também rearticula as relações de gênero, fragmentando a identidade masculina socialmente construída e impondo às mulheres a responsabilidade do cuidado (REIS, 2017).

Os cortadores de cana têm em sua trajetória profissional majoritariamente trabalhos braçais: o cuidado com roças desde a infância, a capina de terrenos, o corte de cana, etc. Adoecidos, não conseguem mais desempenhar essas funções, e a região do Vale do Jequitinhonha não oferece opções de trabalho alternativas para esses sujeitos. Incapacitados fisicamente de realizar esse tipo de atividade braçal, a opção é (sobre)viver a partir da ajuda de familiares e amigos, e tentar acessar algum direito previdenciário ou socioassistencial. Desse modo, passam a estabelecer relações com diferentes órgãos do Estado, principalmente com o Instituto Nacional de Seguro Social – INSS. Este instituto é responsável por gerir a previdência social, que tem caráter contributivo. Isto é, apenas os trabalhadores com registro em carteira de trabalho são assegurados. É o vínculo empregatício que garante a seguridade social previdenciária.

Em documento disponibilizado no site do INSS, prevê-se que: “A Previdência Social tem por objetivo garantir a renda do(a) trabalhador(a) e de sua família nos momentos em que ele estiver incapacitado para o trabalho. Ao Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) compete reconhecer o direito e viabilizar o acesso de todos os cidadãos aos benefícios e serviços da Previdência Social, como aposentadoria, pensão e salário maternidade”. Contudo, no caso estudado, a busca por



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

direitos previdenciários é exaustiva e, por vezes, os trabalhadores desistem no meio do trajeto, ou sequer tentam acessar aos direitos. Muitos são encaminhados à Assistência Social, em que o acesso aos benefícios sociais tem caráter não contributivo, ou seja, não está relacionado ao vínculo empregatício e a contribuição previdenciária.

Entende-se que tanto a Previdência Social, quanto a Assistência, cumprem funções de controle, regulamentação e disciplina. No esteio da reflexão de Foucault (2005, 2006), afirma-se aqui que a sociedade contemporânea é marcada pelo caráter normalizador e regulamentador - caracterizando o que o autor denomina biopoder. Desse modo, o embasamento teórico considerado é a elaboração foucaultiana sobre biopoder e biopolítica, sob a perspectiva do fazer viver para deixar morrer.

Breve retomada sobre a biopoder e biopolítica

A organização do poder sobre a vida se desenvolve, em nosso tempo contemporâneo, a partir tanto das disciplinas dos corpos quanto da posterior, e decorrente, regulação da população. “A instalação (...) anatômica e biológica, individualizante e especificante, voltada para os desempenhos do corpo e encarnando os processos da vida - caracteriza um poder cuja função mais elevada já não é mais matar, mas investir sobre a vida, de cima a baixo” (FOUCAULT, 2006, p.152). É o indivíduo o efeito da anátomo-política – uma tecnologia de poder individualizante. A biopolítica, por outro lado, tem como efeito a população, é uma tecnologia de poder totalizante (NETO, 2010). A tecnologia do biopoder é direcionada não apenas aos corpos, mas à vida, à população.

São, então, duas séries que se articulam: uma corpo - organismo - disciplina - instituições e, outra, população - processos biológicos - mecanismos regulamentadores - Estado. De um lado a organo-disciplina da instituição, do outro a bioregulamentação do Estado. Agora trata-se de uma macrofísica do poder, não só as instituições, mas o Estado. Falar biopolítica é falar sobre o governo da população. E a conjunção da anátomo-política, individualizante, que trata sobre o corpo, com a biopolítica, totalizante, que trata sobre a população, é o que Foucault chamou de biopoder (NETO, 2010).



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

A norma é o elemento que vai circular entre o disciplinar e o regulador. A explosão de numerosas e diversas técnicas de sujeição dos corpos e controle das populações abre a era do biopoder, que foi essencial para o desenvolvimento do capitalismo. Para Foucault (2005, 2006), foi com o controle dos corpos no aparelho de produção e com o ajuste dos fenômenos de população aos processos econômicos que o capitalismo pode se desenvolver. A “articulação do crescimento dos grupos humanos à expansão das forças produtivas e a repartição diferencial do lucro” (FOUCAULT, 2006, p.154) foram efetivadas pelo exercício do biopoder, poder que se dedica à vida, à população e às medições da natalidade, mortalidade e longevidade.

Pode-se dizer que numa sociedade regida sob o capitalismo, uma das normas que opera é a do trabalho. O trabalho como *algo que dignifica o homem*, mais do que como relação de troca forçada desigual. Justamente por isso se entende o corpo útil como o corpo que trabalha, e o adoecimento que impede o trabalho aparece como vergonha (DEJOURS, 1987). O controle disciplinar garantiu corpos dóceis, corpos para o trabalho. A regulação da biopolítica ordenou a massa. No biopoder, o como viver tornou-se um imperativo. A vida passa a fazer parte da história no campo das técnicas políticas, isto é, na ordem do saber e do poder. O biológico está no político, e o poder - continuado por meio da norma -, se exerce sobre o ser enquanto membro de um todo, homem-espécie.

O indivíduo é considerado por mecanismos globais e o viver passa a ser regulamentado, cabe ao Estado, por meio de suas instituições, dizer como se deve viver.

Se, por um lado, a função do governo é de capacitar os indivíduos, pelo aprimoramento disciplinar das sociedades, e fazer deles instrumentos do desenvolvimento econômico, por outro, o governo tem a função de corrigir os efeitos negativos causados, por esse mesmo desenvolvimento, sobre a saúde dos indivíduos (NETO, 2010, p.32).

O poder médico, na micro e na macrofísica (nesta quando saúde torna-se responsabilidade do Estado), vai atuar na determinação normativa dos corpos. “A biopolítica aparece como prática política de apreensão social dos corpos dos indivíduos, no capitalismo; e a medicina, como instrumento desse controle político” (NETO, 2010, p.34). Tem-se, assim, o direito do fazer viver, é sobre a vida que o poder vai atuar.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Numa tecnologia que faz viver, a morte é o momento em que o indivíduo escapa de qualquer poder. Foucault (2005) apresenta questionamentos sobre a possibilidade de matar em um sistema que se dedica tanto ao fazer viver, como o Estado que atua na regulação da vida pode mandar matar - os inimigos ou os próprios cidadãos? Como resposta, o racismo de Estado, que é o “meio de introduzir, afinal, nesse domínio da vida de que o poder se incumbiu, um corte: o corte entre o que deve viver e o que deve morrer. [...] uma maneira de defasar, no interior da população, uns grupos em relação aos outros” (FOUCAULT, 2005, p.304).

O racismo, nesse caso, é entendido não como motivado por uma questão étnica, mas como segmentação dentro do grupo até então unitário - a população. Foucault usa o exemplo do nazismo para mostrar como a cisão no todo cria um outro ameaçador, e a defesa do todo contra esse outro justifica ações violentas do Estado, o direito de matar. E, matar no biopoder não é necessariamente o assassinio direto, “mas também tudo aquilo o que pode ser assassinio indireto: o fato de expor à morte, de multiplicar para alguns o risco de morte ou, pura e simplesmente, a morte política, a expulsão, a rejeição, etc (FOUCAULT, 2005, p.306). É sob essa perspectiva do biopoder e do racismo de Estado - que faz viver para deixar morrer – que analisaremos o caso dos cortadores de cana.

III. Metodologia

Para atingir os objetivos propostos, optou-se por metodologia de base qualitativa, contando com revisão bibliográfica e pesquisa em campo empírico - com observação direta, fotodocumentação, entrevistas de roteiro semiestruturado e registro de informações em diário de campo. A revisão bibliográfica abordou temas como a precarização do trabalho, reestruturação produtiva no setor sucroalcooleiro, saúde/doença no corte de cana, violência simbólica, identidade social e memória, estranhamento e alienação do trabalho, psicopatologia do trabalho, biopoder, entre outros.

A escolha do campo empírico foi resultado do acúmulo de trabalhos que apontavam parte da região do Vale do Jequitinhonha (Alto e Médio Vale, principalmente) como lugar de intenso fluxo migratório para os canaviais paulistas (SILVA, 1999, LEITE, 2011, 2015, RAMALHO, 2014). De lá



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

os trabalhadores partiam para os canaviais, e para lá voltavam ao final de cada safra. Quando adoecem e perdem a capacidade laboral, é para lá, a terra natal, que muitos regressam.

Figura 1: Microrregião Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais, Brasil



Fonte: Portal Pólo Jequitinhonha/MG

Organizou-se a pesquisa de campo, que durou dois meses, em dois momentos diferentes. Primeiro, foram buscados equipamentos sociais que poderiam dar atendimento ao público que cortava cana e suas famílias - Centro de Referência em Assistência Sociais (CRAS), Centro de Referência Especializada em Assistência Social (CREAS) e Centro de Atenção Psicossocial (CAPS)³, além do Sindicato Rural, médicos do SUS, e representantes do Instituto Nacional de Seguro Social - INSS. O intuito era, por meio do procedimento conhecidos como bola de neve, conseguir a partir desses profissionais, indicações de ex-cortadores de cana adoecidos. Na segunda parte da pesquisa foram contatados os ex-cortadores de cana adoecidos e seus familiares. Houve

³ O CRAS (Centro de Referência da Assistência Social) é uma “unidade pública estatal descentralizada da política de assistência social, sendo responsável pela organização e oferta dos serviços socioassistenciais” (BRASIL, 2016). O CREAS (Centro de Referência Especializada de Assistência Social) é “uma unidade pública da política de Assistência Social onde são atendidas famílias e pessoas que estão em situações de risco social ou tiveram seus direitos violados” (BRASIL, 2016). O CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) é uma instituição destinada a “acolher os pacientes com transtornos mentais, estimular sua integração social e familiar, apoiá-los em suas iniciativas de busca da autonomia, oferecer-lhes atendimento médico e psicológico” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2016).



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

ainda visitas à região estudada em outros períodos, com realização de observação direta e entrevistas de roteiro aberto.

Foram realizadas 30 entrevistas, seguindo um roteiro semiestruturado. Os sujeitos de pesquisa foram: ex-cortadores (as) de cana adoecidos, familiares dos ex-cortadores, sindicalistas, assistentes sociais, psicólogos, e médicos (responsáveis pelos laudos para o INSS). As entrevistas tinham roteiros diferenciados de acordo com o grupo entrevistado. Assim, com os representantes dos órgãos do Estado (Saúde, Assistência e Previdência Social), tratou-se sobre o panorama geral da situação dos adoecidos da cana, suas demandas e a capacidade de resposta do Estado frente a elas. Foram realizadas, ainda, entrevistas com médicos do SUS responsáveis pelos laudos para o INSS, buscando compreender o discurso médico sobre a situação dos ex cortadores de cana adoecidos e sobre a questão da aposentadoria. Também foram entrevistados os peritos responsáveis pela concessão dos diversos benefícios do INSS. A partir desses informantes, foi possível chegar aos familiares e aos cortadores de cana em si. Com os familiares (esposas e mães), o roteiro de entrevista teve o intuito de compreender a (re)organização das relações de gênero após o adoecimento do cortador de cana. E, com estes em específico, foram trabalhados os eixos trabalho,saúde/doença e aposentadoria.

Além das entrevistas, foi realizada observação direta do cotidiano dos ex-cortadores de cana. Como auxílio no registro dessas observações sociológicas foi utilizado o caderno/diário de campo. Esse instrumento de pesquisa teve o intuito de captar as impressões da pesquisadora sobre as interações sociais locais, e mais tudo aquilo que se perde nas gravações das entrevistas, como olhares, tempos, contexto. A fotodocumentação buscou retratar aspectos do cotidiano dos ex-cortadores adoecidos, locais onde circulam, opções de lazer, moradia. Além disso, observou-se na cidade retratos da presença desse grupo social, bares, igrejas, praças, hospitais, entre outros. Com a autorização necessária, retratou-se também os próprios adoecidos da cana, seus corpos, suas posturas, suas expressões.

O roteiro de trabalho foi base para a pesquisa, mas outros elementos trazidos pelos sujeitos de pesquisa foram investigados, o que trouxe questões que não haviam sido consideradas na realidade social estudada. Esse foi o caso da ida ao CAPS-AD (Centro de Apoio Psicossocial Álcool e



XXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Drogas), assim como ao Presídio Municipal. O adoecimento psíquico, a adicção e as consequências sociais da articulação entre esses elementos apareceram como questões pertinentes para a compreensão do tema proposto. Assim, a pesquisa se direcionou para as consequências - sociais e subjetivas - de um tipo específico de adoecimento, aquele que resultou do trabalho no corte da cana.

IV. Análise e discussão dos dados

Após alguns anos de trabalho, os cortadores de cana sentem em seus corpos o reflexo das condições superexploratórias as quais estiveram submetidos. Pode-se dizer que mesmo durante o tempo/espaco trabalho, os cortadores de cana já estavam em uma fragmentação do todo biológico. Parece que desde ali suas vidas não importavam, apenas enquanto mantenedores do sistema, enquanto força de trabalho. Enquanto trabalhadores, os cortadores de cana eram úteis ao sistema, corpos docilizados por meio da disciplina para ser força de trabalho. A norma regulamentadora das massas tomou posse da vida, o trabalho - sob o regime capitalista de acumulação do capital por extração da mais-valia - faz parte do como viver. Faz-se viver quando se faz trabalhar.

Quando se perde a capacidade laboral por conta do adoecimento, esse racismo toma novas proporções. Configura-se neste ponto um seccionamento no todo populacional entre os aptos e não aptos, úteis e inúteis, os que se faz viver e os que se deixa morrer. O cortador de cana adoecido que já não pode exercer sua atividade profissional, passa a se relacionar com diferentes esferas do Estado, com a Saúde, a Previdência, a Assistência, e às vezes, com a Segurança Pública. Essas são instituições de normalização da biopolítica e da disciplina. O homem adoecido retorna à sua terra natal e lá encontra de volta a família, apesar dos laços muitas vezes afrouxados pela trajetória laboral. Vai à busca de algum auxílio, e na falta da Previdência Social, chega à Assistência Social.

Os profissionais que atendem nos Centros de Referência abordaram a dificuldade do acesso à aposentadoria por invalidez desses ex-cortadores adoecidos. Esses Centros de Referência atuam principalmente na orientação em relação ao acesso ao auxílio-doença e ao Benefício de Prestação Continuada (BPC). O Benefício de Prestação Continuada não é uma política da Previdência Social, e sim da Assistência Social. Entretanto, quem gere essa política é o INSS. Ou seja, os mesmos peritos e técnicos do auxílio doença atendem também para a concessão do BPC. A vantagem desse



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

benefício é que não é preciso a comprovação de contribuição em carteira, mas é preciso que o beneficiário se enquadre em uma série de critérios socioeconômicos. Os relatos apontam a dificuldade para o recebimento do auxílio doença, que exige a comprovação da contribuição do trabalhador com o INSS. Quando é possível estabelecer essa comprovação, há ainda a dificuldade em adquirir um laudo médico que ateste para o INSS a situação de adoecimento que inviabiliza o trabalho. Nesse sentido, os profissionais da assistência costumam encaminhar os ex-cortadores adoecidos diretamente para o BPC.

Os peritos do INSS sinalizaram a dificuldade em relação à apresentação dos laudos médicos completos que realmente comprovassem a incapacidade para o trabalho, responsabilizando o usuário que teria uma “ignorância” nesse sentido. Esses peritos afirmam que aqueles que vêm “*bem documentados*”, sempre conseguem algum benefício. Contudo, entrevistando os cortadores de cana, houve relatos sobre a dificuldade de conseguir essa “documentação”, já que há necessidade de consultas médicas frequentes com especialistas (algo de difícil acesso na cidade), exames médicos especializados (que também não são realizados no município), e tratamentos que envolvem deslocamentos que os beneficiários são inacessíveis, por razões financeiras. E ainda, no caso dos adoecimentos psíquicos ou de dependência química, há o estigma de ser um “doido” ou um “viciado” (que é visto como vagabundo).

A volta do cortador de cana adoecido e a situação em que passa a viver sua família com uma fonte de renda a menos cria uma demanda para diversos órgãos do Estado. A Previdência Social é requisitada quando se busca aposentadoria por invalidez. Para tanto, é preciso que antes haja o benefício do auxílio-doença. Apenas após alguns anos de auxílio-doença é que se pode confirmar que a doença não tem melhora e o trabalhador não está mais habilitado para exercer sua atividade profissional. Tanto que já é praxe que se busque primeiro o auxílio-doença.

Você não vai aposentar uma pessoa com vinte e poucos anos de idade, então você vai no máximo conceder um auxílio doença para tentar recuperar essa mão de obra mesmo [...] Mas é difícil o INSS reconhecer essa condição de cara, entendeu? Então às vezes concede o benéfico de auxílio doença, passa cinco, passa dez anos, aí depois dá. “Estou vendo aqui que não tem jeito”, aí da aposentadoria por invalidez.

Flávio – advogado



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Essa é uma realidade vivenciada pelos descartados da cana, como é o caso de Nilton, por exemplo. A necessidade de recorrer ao auxílio doença faz com que, periodicamente, o beneficiário tenha que passar por todo o processo de exames, consulta e perícia, o que em Araçuaí é bastante complicado pela grande demanda do SUS, do INSS e falta de alguns equipamentos para realização de exames especializados. Então, o público que precisa renovar o auxílio doença deve enfrentar diversos percalços para tentar a renovação do benefício, que nem sempre é garantida. Uma particularidade da região é que boa parte dos cortadores de cana adoecidos residem em comunidades rurais, o que dificulta mais ainda o acesso aos equipamentos públicos localizados na área urbana do município.

Entretanto, para adquirir o auxílio-doença é preciso que haja a comprovação do vínculo trabalhista anterior, do adoecimento e ainda é preciso estar dentro do período de seguridade. Em muitas vezes, o trabalhador deixou passar o tempo e perdeu a condição de assegurado do INSS, por isso não tem mais o direito de requerer o auxílio-doença. Em outros casos, não se estabelece vínculo empregatício por não haver comprovação em carteira profissional.

Na verdade eles têm que comprovar que ele teve o vínculo. Muitos deles, por exemplo, pelo menos é o que eles contam, começa um vínculo, mas eles começam a adoecer e aí eles não conseguem mais dar conta no processo de trabalho e eles começam a faltar, faltar, faltar. [...] E às vezes eles são dispensados e não têm como sobreviver mesmo, dispensados mesmo, tem um pequeno acerto e são dispensados. Aí quando eles retornam eles procuram às vezes no sentido de orientação, o que é possível fazer para entrar com um processo para requerer um auxílio. Aí quando é solicitada essa documentação de comprovação, como é que se deu essa desvinculação, dentro da legislação está legal. E eles não comprovaram, por exemplo, não chegaram a procurar a saúde através de laudos, houve a necessidade que eles comessem a provar, que não está indo, não está conseguindo comparecer por problema de saúde, e aí eles perdem.

Tânia - assistente social

A afirmação da entrevistada leva a entender que a dispensa do cortador de cana que adoece nos canaviais é feita de acordo com a legislação, o que demonstra que a própria estrutura jurídica tem um viés de classe, pois garante à empresa a manutenção da produção ignorando a real condição do trabalhador. Nesse sentido, é possível pensar no racismo de Estado, mecanismo que garante a vida de alguns em detrimento de outros. O Estado, ao manter o *status quo* assegurando às classe dominantes sua reprodução por meio da própria reprodução do capital, garante a divisão do que na



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

biopolítica se chamou de população. Não mais a massa homogênea, mas, de um lado uma elite que opera seus interesses em articulação com o Estado e, de outro, os descartados da cana, expropriados de si pelo processo de trabalho e de sua saúde e capacidade laboral.

Há casos em que o trabalhador consegue o auxílio-doença por três ou quatro meses, mas não consegue a renovação. Alguns profissionais da área de Assistência Social que, muitas vezes, auxiliam os trabalhadores na abertura do pedido pelo benefício no INSS, relatam que nem sempre o tempo do auxílio-doença é suficiente para o caso do adoecimento. Após esse período, o beneficiário deve voltar ao INSS com o pedido de renovação, levando novos laudos e exames médicos que comprovem a permanência da incapacidade. Muitos não o fazem, por isso não conseguem a aprovação da renovação do auxílio-doença. Entretanto, o próprio sistema dificulta que consigam renovar esse auxílio, uma vez que lidam com a morosidade no SUS e do INSS, além das dificuldades de deslocamento e realização de exames. O Estado é organizado de modo a não garantir a vida dessas pessoas, pode controlá-las pela imposição de uma disciplina, mas parece mais deixá-las morrer pelo abandono. É relevante que os profissionais que atendem na maioria dos serviços realmente se esforçam para garantir alguma melhoria na vida dos usuários, mas a atuação do Estado já está direcionada pelo racismo que divide os que devem viver e os que serão deixados para morrer - morte da vida social, morte em vida.

O BPC aparece como alternativa para os trabalhadores que não têm meios de acessar o auxílio-doença. Nos CRAS é muito comum orientar os usuários a buscar esse benefício que é da Assistência Social e não da Previdência, apesar de ser gerenciado pelo INSS. Entretanto, para adquirir o BPC também existem requisitos a serem cumpridos. Pode-se requerer o benefício por idade acima de 65 anos ou por portar alguma condição de saúde incapacitante - o que é preciso também ser comprovado por laudos médicos. Em ambos os casos, é necessário que a renda per capita da família seja menor que um quarto de salário mínimo. Nesse sentido, por conta da idade e/ou das dificuldades em adquirir um laudo médico para a comprovação da incapacidade para o trabalho, os cortadores de cana adoecidos ficam sem nada.

A maioria vem nesse sentido, com... “a gente já consultou, o médico já falou pra gente não fazer esforço físico, mas ao mesmo tempo o INSS não quer



**XXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

dar a perícia para o auxílio doença, seja pro BPC em alguns casos, por achar que a gente ainda tem condição de trabalhar”.

Miriam – assistente social

Sant’ana (2012) mostra como o Estado brasileiro tem privilegiado a assistência social em suas medidas. No setor da Previdência Social, a autora sinaliza que

[...] adoecidos e descartados, migrantes ou residentes, ficam à mercê de políticas públicas, em especial a de assistência social, que os atende na condição de segmento vulnerável e tenta lhe assegurar os mínimos sociais; sua identidade de trabalhadores é negada, pois sequer mencionada, e sua situação de espoliados pelo capital fica subsumida pela de cidadãos usuários de políticas públicas (2012, p.202).

Essa mudança identitária também representa um sofrimento moral para os cortadores de cana adoecidos. Foi relatado o desconforto em “depender do Estado” pelos ex-cortadores de cana. E, a aposentadoria por invalidez raramente é cogitada pelos profissionais entrevistados. Foi apresentada a questão da responsabilidade em apresentar para o usuário do serviço sua “invalidez”, principalmente no caso dos jovens. Existe um peso simbólico em viver como inválido. O corpo social é construído como corpo produtivo e, enquanto tal, é destruído justamente por ser produtivo. Passa a não ser mais produtivo, passa a ser inútil dentro do sistema. E a vivência da “inutilidade”, para quem sempre foi útil, tem reflexos psicológicos também. A superexploração vai além do sofrimento físico, é também moral e psíquico (SILVA, 2012), o adoecimento intensifica esse sofrimento. Os corpos foram docilizados para o trabalho, para garantir a reprodução do capital, internalizaram o controle de tal maneira que estar fora da norma repercute na vida social dos sujeitos. O que é ser um inválido? Em uma cisão do todo biológico da espécie, dentro da “população”, há os válidos - corpos dóceis para o trabalho, e os inválidos - aqueles que não podem trabalhar.

Para além de apenas a Previdência e a Assistência Social, a Segurança Pública também é impactada nesse processo. Esses órgãos se interligam em suas ações e em suas demandas, o que demonstra como as instituições da biopolítica passam a aparecer na vida dos adoecidos da cana, tecendo novas relações de sociabilidade. Foi relatado que alguns ex-cortadores de cana vão parar no



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Presídio Municipal de Araçuaí. Em entrevista com o diretor do órgão, fui informada que muitas vezes embriagados, cortadores de cana cometem homicídios, ou para suprir o consumo de drogas, envolvem-se em furtos e tráfico de drogas. Há ainda o caso dos que cometem delitos motivados por psicoses. Em entrevista com alguns detentos, alegaram que sempre foram trabalhadores, cometeram deslizes por conta da embriaguez. O que vale ressaltar é que a trajetória de trabalho aparecia como meio de redenção, como elemento moralizante daquele que se entendia também fora da norma.

Os profissionais que trabalham nesses centros afirmaram atender ao público que cortou cana e suas famílias, mas que não há dados sistematizados sobre esse grupo. Entendem que há sim uma relação direta entre o esse tipo de trabalho e a situação de vulnerabilidade social das famílias, mas não há registros que possam estabelecer esse vínculo. As informações eram baseadas mais em experiências pessoais dos profissionais do que em dados organizados que vinculassem o trabalho no corte de cana à busca aos órgãos da Assistência - apesar de os profissionais (assistentes sociais e psicólogas), em suas falas, fazerem essa relação.

A falta de informações sobre os cortadores de cana, usuários dos serviços de assistência social, previdência e de saúde, indica algo. Se a intenção da biopolítica é, por meio de suas instituições, a gestão da vida, por que não ter informações sobre a população gerenciada? A falta de dados sobre um público, uma massa que é comum na região, sugere que são vidas não geridas. Uma vez adoecidos, os cortadores de cana se enquadram fora da norma do trabalho, não são mais úteis para o sistema. A biopolítica introduz suas instituições para esses que estão fora do campo de “capacidade”. Os descartados da cana deixam de ser alvo do fazer viver, são apenas regulamentados dentro do lugar que lhes cabe na norma: inválidos.

Independente da ação dos agentes que dão o atendimento aos cortadores de cana, as instituições do Estado são orientadas pela biopolítica que normatiza, regulamenta e controla a vida. Faz-se viver quando se organiza os sujeitos em um todo social, uma massa populacional que vai ser gerida por normas regulamentadoras da vida (FOUCAULT, 2005, 2006). Os corpos são docilizados para o trabalho, e o fazer viver perpetua a norma do trabalho. Estar fora das relações de trabalho é estar fora da norma. Por meio do racismo de Estado, seccionam-se os que serão feitos viver e os que serão deixados morrer - não no sentido físico, mas também social. A morte em vida dos



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

descartados da cana ocorre quando vivenciam a marginalização e estigmatização dentro das instituições da biopolítica, quando têm que passar por uma *via sacra* para adquirir algum direito social, quando são empurrados para a Assistência, tendo a identidade de trabalhador subsumida pela identificação com uma outra massa gerenciada pelo biopoder, a dos usuários da Assistência Social.

V. Conclusões

O cortador de cana adoecido se relaciona com as instituições da biopolítica, estabelecendo novas relações. Não mais como um trabalhador, mas como “inválido”, força de trabalho degradada e descartada. Na biopolítica, o Estado é quem faz viver e deixa morrer, ou seja, regulamenta a vida ou, por não fazê-lo, destina à morte. A morte aqui é entendida não como assassinio direto, mas como marginalização, abandono, é a morte social. É por meio do racismo de Estado que a massa populacional é segmentada entre os que são feitos viver ou deixados morrer, úteis e inúteis para o sistema. Fora da norma regulamentadora que tem no trabalho seu eixo de diferenciação, os adoecidos vão se relacionar com instituições como a Previdência Social, Saúde, Assistência Social e até mesmo Segurança Pública. Os descartados da cana passam por uma via sacra na tentativa de adquirir o auxílio-doença, já que a aposentadoria por invalidez raramente é cogitada. Muitas vezes sem a documentação necessária para esse benefício previdenciário, são encaminhados para a Assistência Social, buscando o BPC. Esse benefício requer a comprovação do adoecimento incapacitante, a confirmação da invalidez para o trabalho. A aquisição de qualquer um dos benefícios é tão árduo que alguns adoecidos da cana sequer tentam adquiri-los, ou desistem no meio do processo. Há uma lógica de funcionamento do Estado que segmentou a população a ser gerida entre os aptos e não aptos - aptidão para o trabalho. Os que estão fora dessa norma se diferenciam no fazer viver, são mais deixados para morrer. A falta de dados sobre os cortadores de cana adoecidos indica que não há interesse na gerência dessas vidas. Os cortadores de cana que eram feitos viver, isto é, normatizados, regulamentados, disciplinados e controlados para se fazer trabalhar, adoecidos, são deixados morrer.



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

VI. Bibliografía

Alves, F. (2006) Por que morrem os cortadores de cana? *Saúde e Sociedade*. São Paulo. v. 15, n.03, set/dez. 2006.

_____. (2007) Migração de trabalhadores rurais do Maranhão e Piauí para o corte da cana em São Paulo. In: NOVAES, José Roberto e ALVES, Francisco (orgs.). *Migrantes: trabalho e trabalhadores no complexo agroindustrial canavieiro (os heróis do agronegócio brasileiro)*. São Carlos: EdUFSCar.

_____. (2008) Processo de trabalho e danos à saúde dos cortadores de cana. *InterfacEHS – Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente*. São Paulo, v.3, n.2, abr./agosto.

Butler, J. (2011) Vida precária. *Contemporânea - Revista de Sociologia da UFSCar*. São Carlos, Departamento e Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFSCar, n.1.

Dejours, C. (1987) *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. São Paulo: Cortez.

Foucault, Michel. (2005) *Em defesa da sociedade*, Curso no college de France (1975-1976). Martins Fontes: São Paulo.

_____. (2006) A história da sexualidade. A vontade de saber.

Gaudemar, J. P. (1977) *Mobilidade do Trabalho e Acumulação do Capital*. Editora Estampa.

Guanais, J. B. (2016) *Pagamento por produção, intensificação do trabalho e superexploração na agroindústria canavieira brasileira*. Tese de doutorado, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, Campinas.

Laat, E. F. (2010) *Trabalho e risco no corte manual de cana-de-açúcar: A maratona perigosa nos canaviais*. Tese de doutorado, Faculdade de Engenharia, Arquitetura e Urbanismo, Universidade Metodista de Piracicaba, Santa Bárbara D’oeste.

Leite, A. C. G. (2011) *A modernização do Vale do Jequitinhonha mineiro e o processo de formação do trabalhador “boia fria” em suas condições regionais de mobilidade do trabalho*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

_____. (2015) *O campesinato do Vale do Jequitinhonha: da sua formação no processo de imposição do trabalho à crise da (sua) reprodução capitalista*. Tese de doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Navarro, V. L. (2006) *Trabalho e trabalhadores do calçado: a indústria calçadista de Franca (SP): das origens artesanais à reestruturação produtiva*. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular.

Neto, L. F. (2010) *Biopolíticas: as formulações de Foucault*. Florianópolis, Cidade Futura.

Ramalho, C. C. (2014) Os migrantes cortadores de cana do Vale do Jequitinhonha: entre a superexploração e a resistência. 2014. Dissertação de Mestrado, Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas, Universidade do Espírito Santo, Vitória, 2014.

Reis, T. (2017) Trabalho e gênero: reflexões sobre o adoecimento no corte de cana. *Ruris*. V.11, n.01, março.

Scopinho, R.A. et al. (1999) Novas tecnologias e saúde do trabalhador: a mecanização do corte da cana-de-açúcar. *Caderno Saúde Pública*, jan/mar, v. 1, n. 15.

Silva, M.A.M. (1999) *Errantes no fim do século*. São Paulo: Fundação Editora UNESP.

_____. (2008) Mortes e acidentes nas profundezas do “mar de cana” e dos laranjais paulistas. *InterfaceEHS – Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente*. v.3, n.2. abr-ago.

_____. (2011) O trabalho oculto nos canaviais. *Perspectivas*. v.39. jan./jun.

_____. (2013) Sabe o que é ficar *borrado* no eito da cana? *Revista Sociedade e agricultura*, Rio de Janeiro, v. 21, n.02.

_____. Verçoza, L. V., Bueno, J. D. (2013) A imagem do etanol como “desenvolvimento sustentável” e a (nova) morfologia do trabalho. *Caderno CRH*, v.26, n.68, Salvador, mai/ago.